Tiago Rebelo

Amarguinha

com ilustrações de

Danuta Wojciechowska





ASA

VISIT...

LANZAROTE Caliente.com

Tiago Rebelo

Amarguinha

com ilustrações de
Danuta Wojciechowska

LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA



Ficha Técnica

Título original: *Amarguinha*
Autor: Tiago Rebelo
Ilustrações de Danuta Wojciechowska
Revisão: Leya
ISBN: 9789892335339

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2002, Tiago Rebelo; Danuta Wojciechowska © desta edição:
2016, Tiago Rebelo (texto); Danuta Wojciechowska (ilustrações) e edições Asa II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Tiago Rebelo

Amarguinha

com ilustrações de

Danuta Wojciechowska

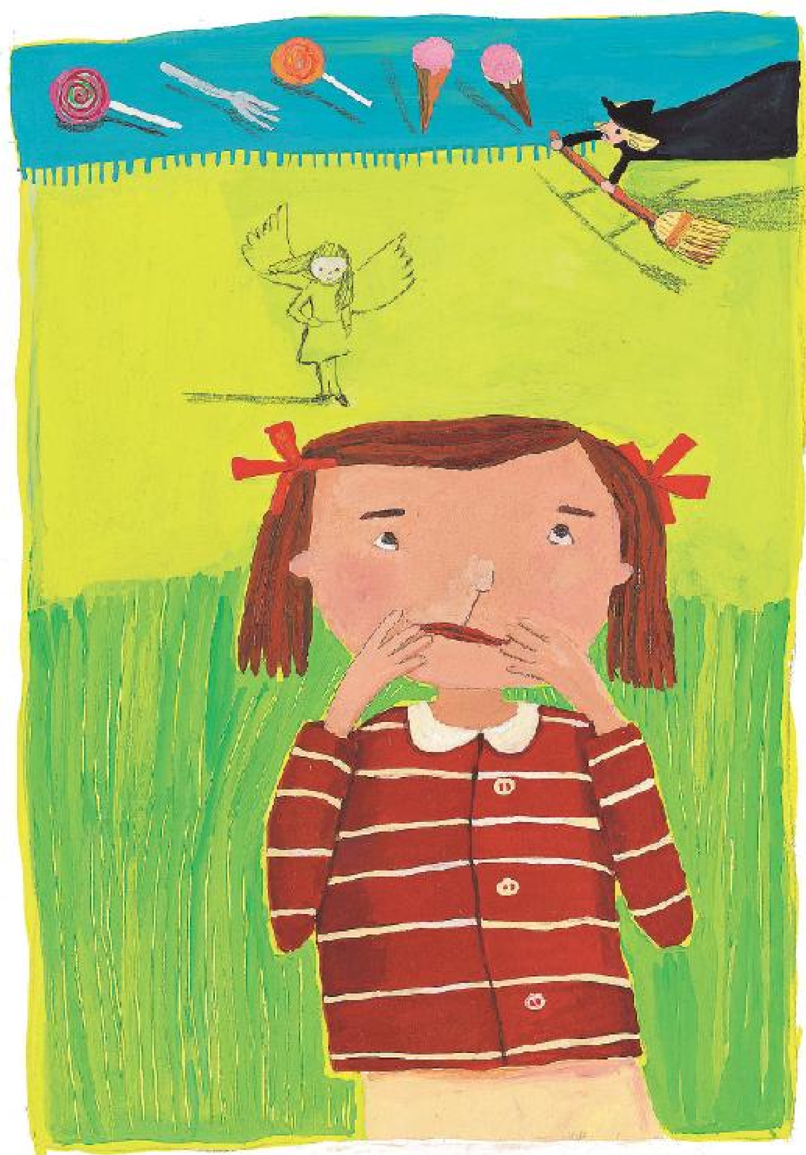


ASA

Amarguinha

Era uma vez uma menina chamada Amarguinha. Os pais chamavam-na assim desde pequenina. Amarguinha não era muito amiga de comer e, ao contrário dos outros meninos, não gostava de doces. Quando a mãe a presenteava com uma guloseima, Amarguinha fazia uma careta à primeira trincadela num chocolate ou lambidela num chupa. Não gostava, aquilo não lhe sabia bem, fazia caretas horríveis que deliciavam a mãe. Por isso ficou Amarguinha.

Era uma menina bonita de olhos castanhos sempre muito abertos e atentos ao que a rodeava. Queria ver tudo e saber mais coisas todos os dias. O pai de Amarguinha dizia-lhe que se estivesse com atenção podia ter a certeza que cada dia que passava seria como uma lição para ela.



Amarguinha já sabia contar pelos dedos os anos que tinha: um, dois, três, quatro, cinco — passava para a outra mão —, seis. Mas como era esperta sabia que a seguir vinha o sete, o oito, o nove e o dez. E já aprendera a contar muito mais, até vinte. O pai dissera-lhe que era possível ficar a vida toda a contar sem nunca repetir um número, mas isso Amarguinha ainda não sabia.

— Quando for mais velha — disse ela às amigas da escola —, vou saber contar durante a vida inteira.

— Oh — responderam as amigas —, isso não se pode fazer.

— Pode, pode.

— Não pode.

— Pode.

— Não pode

— Pode.

— Não pode, não pode, não pode, não pode, não pode.

— Pode, pode, pode, pode, pode.

— Não poooode!!!!!!!!!

— Pode, porque o meu pai disse-me que pode.

E as amigas riram-se dela por acharem que estava a dizer um grande disparate. Mas depois foram para casa perguntar aos pais se era verdade que se podia contar durante a vida inteira e, no dia seguinte, apareceram na escola muito envergonhadas.

— Então? — perguntou Amarguinha, que não se esquecia de nada. — Pode-se ou não se pode?

— Pode — reconheceram.

Quando Amarguinha estava no recreio com as amigas, no intervalo da aula, punham-se com voz de mistério e conversavam sobre os seus piores medos.

— Tenho medo de bruxas — dizia uma delas.

— Porquê? — perguntava outra.

— Porque as bruxas têm caldeirões e põem as pessoas lá dentro.

— Ah, as bruxas não existem.

— Ai, não, não existem…

— Eu — dizia logo Amarguinha com aquela sua voz doce de sonhadora — gostava era de ver um anjinho.

Um dia Amarguinha foi com a mãe ao supermercado. No caminho espreitou pela janela do autocarro e viu uma menina sentada no banco da paragem. Tinha o cabelo da cor do algodão, uma cara muito branca e uns tristes olhos azuis. Como se usasse uma máscara. Pareceu-lhe mesmo o seu anjinho, um anjinho desconsolado.

Mais tarde voltou a vê-la, no supermercado. A mãe afastara-se um pouco para recolher dois pacotes de leite da prateleira e Amarguinha ficara a guardar o carrinho das compras, quando surpreendeu a menina a olhar para si, como

se estivesse a vigiá-la. Assustada, Amarguinha correu para junto da mãe e puxou-lhe a manga do casaco para lhe chamar a atenção.

— Mãe, mãe!

— O que é filha? Não vês que estou ocupada?

— É que, aquela menina… — virou-se para indicar a menina, mas ela já não estava lá. Tinha desaparecido.

— Qual menina?

— Estava ali uma menina a olhar para mim.

— Estava? Não faz mal, querida. É porque és bonita.

— Mas a menina tinha a cara pintada de branco.

— Pintada de branco?!

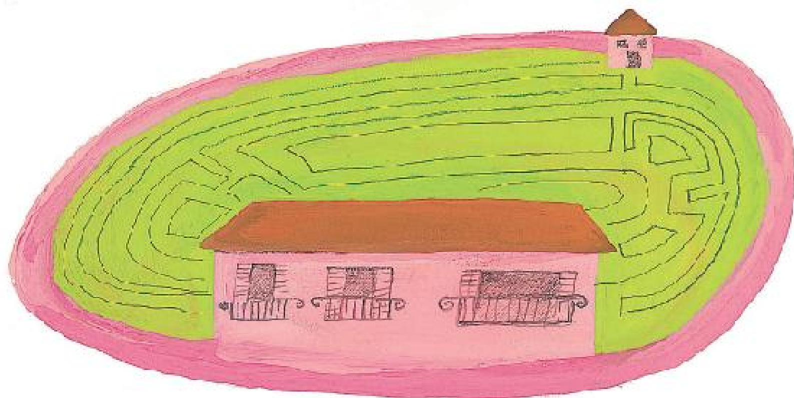
— Sim, mãe. Tinha a cara toda branca.

— Deves ter visto mal.

— Não, mãe, é verdade!

— Devia ser uma pessoa muito pálida. Às vezes temos a cara tão branca que até parece pintada.

Amarguinha não voltou a ver aquela menina, até dois anos mais tarde.



Em plena cidade, onde quase todas as pessoas viviam em apartamentos apertados, havia uma casa enorme rodeada de muros cor-de-rosa. Do lado de dentro dos muros, um jardim muito bem cuidado andava à volta do palácio com os seus labirintos verdes e as suas fontes com repuxos de água. Ali vivia o dono de um banco e a sua família. O banqueiro tinha um filho. Martinho, assim se chamava o menino.

Martinho e Amarguinha eram como irmãos, ainda que não fossem filhos dos mesmos pais. Ela morava na casa mais pequena que dava para o jardim, nas traseiras da casa grande. O pai de Amarguinha conduzia o carro do pai de Martinho. A mãe trabalhava na casa grande. Os dois meninos brincavam juntos desde pequenos.

— Hoje vi um anjinho — disse Amarguinha.

— Um anjinho?! — espantou-se Martinho. Estavam sentados no jardim a brincar com a gravilha. Atiravam pedrinhas às mancheias o mais longe que conseguiam.

— Sim, um anjinho.
— Ah! Julgas que acredito nisso?
Amarguinha encolheu os ombros.
— Então não acredites — disse.
— Então, como é que era o anjinho? Vá, diz lá!
— Não era um anjinho — corrigiu Amarguinha. — Era uma anjinha.
— Uma anjinha não se diz — disse ele. — Os anjinhos são todos meninos.
— Mas o anjinho que eu vi era uma menina.
— Mas, de qualquer maneira, era um anjinho. Anjinha não se diz.
— Está bem. Mas era uma menina.
— Mas era um anjinho na mesma, e eu não acredito que o tenhas visto.
— Estou-te a dizer que vi.
— E como é que sabes que era um anjinho?
— Porque… — hesitou, sem saber como explicar. — Porque sei.
— Ah, porque sabes — riu-se Martinho.
— Pois sei!
— E como é que sabes?
— Porque tinha o cabelo todo branco como os anjinhos.
— Tinha?! — exclamou Martinho, com os olhos muito abertos.
Amarguinha fez que sim com a cabeça.
— Hum, hum…
— E o que é que ela te disse?
— Nada, não falei com ela.
Martinho levantou-se. Tinha as calças sujas do pó da gravilha.
— Ah, ah — riu-se Amarguinha, levantando-se por sua vez — tens o rabo todo branco.
— Ah, ah — gozou ele, enquanto dava palmadas no rabo para sacudir o pó. — Tu também.

A mãe de Martinho passava os dias no *jardim de inverno*.
Amarguinha adorava o *jardim de inverno*. Era uma casa com paredes de vidro que ficava num dos lados do jardim e tinha muitas plantas. A mãe de Martinho ia para lá pintar quadros muito grandes. Os meninos faziam-lhe visitas.
— Gostas do quadro da mãe? — perguntava ela, agitando a sua boquilha, aquela coisa onde espetava os cigarros e que agitava no ar, desenhando rodas de fumo enquanto falava.
— Gosto, mãe — dizia Martinho.
— Amarguinha?
— Gosto, mãe.
— Amarguinha — ralhava —, eu não sou tua mãe.
— Sim, mãe.
— Amarguinha!



Claro que Amarguinha sabia que a mãe de Martinho não era sua mãe, mas gostava de a chamar assim só para a arreliar. Era uma brincadeira. A mãe de Martinho só pintava gatos. Pintava um lindo gato numa grande tela branca, punha o quadro de lado e pintava outro. Havia quadros de gatos peludos, gatos de rua, gatos cinzentos, gatos às manchas, gatos com grandes bigodes, gatos, gatos e mais gatos. Mas gatos a sério só havia um: o *Caçador*. Chamava-se assim por causa do seu trabalho. «O trabalho do "Caçador" vai ser caçar ratos», dissera a mãe quando o trouxera, ainda pequenino, ao colo, a beber leite de um biberão, tal e qual como os bebés. O *Caçador* tinha sido o primeiro gato que ela pintara, e desde então tomara-lhe o gosto e não fazia outra coisa.

Martinho adoeceu. O pai dele estava longe, em viagem de negócios. Também, para dizer a verdade, o pai nunca estava muito em casa, andava sempre em viagens. E, quando estava em casa, Martinho só o via uns minutos de manhã e mais alguns minutos ao fim do dia. O senhor Manuel abria a porta do carro, o pai saía, Martinho corria para ele, ele fazia-lhe uma festa na cabeça, perguntava-lhe se andava a estudar o suficiente, Martinho respondia que sim, e o pai entrava em casa e ia fechar-se no escritório.

O pai vivia a trabalhar, só fazia uma pausa ao domingo, que era quando jogava o seu golfe. Conversava pouco com Martinho, não tinha tempo; à mãe ainda falava menos, praticamente nada. «O gato comeu-lhe a língua», dizia ela na brincadeira, mas Martinho sabia que, a mãe apesar de fingir que não fazia mal, se sentia muito infeliz.

A mãe chamou um médico.

— Não é nada de grave — disse o médico.

— Mas, o que é, *sôtor*? — quis saber a mãe.

— É asma.

— Asma?! — inquietou-se a mãe. — Mas isso é uma maçada!

— Bom, só em casos mais extremos. Para já não me parece que haja motivo para grandes preocupações. O Martinho parece-me bem, não teve

nenhum ataque grave e portanto vamos acompanhar a situação e tomar apenas algumas precauções.

— Então, já estou bom? — perguntou Martinho, que, para dizer a verdade nem se sentia nada mal. — Já posso ir brincar?

— Já podes brincar, já. Mas tens de me prometer uma coisa.

— O quê?

— Tens de me prometer que não te aproximas muito do teu gato.

— Do *Caçador*? Porquê? Ele é meu amigo.

— Eu sei que ele é muito teu amigo. A culpa não é do *Caçador*, mas a verdade é que o pêlo dele não te faz muito bem.

Quando o pai voltou da viagem, Martinho quis contar-lhe o que tinha acontecido. O pai de Amarguinha, o senhor Manuel, abriu a porta de trás do carro e Martinho correu para abraçar o pai.

— Pai! Pai! — gritou, entusiasmado, saltando para o colo do pai — sabe uma coisa?

— Olá, filho.

— Sabe uma coisa?

— Não, conta lá.

— Estive doente.

— Estiveste doente?

— Foi, e esteve cá o senhor doutor.

— E o que é que ele disse?

— Disse que eu tinha asma.

— Ah, sim?

O banqueiro pôs o filho no chão.

— Foi, pai. Mas o senhor doutor disse que não era nada de grave e que eu podia brincar à vontade, mas que não podia brincar com o *Caçador* por causa do pêlo do *Caçador* que me faz mal e depois não consigo respirar muito bem.

Enquanto acompanhava o pai, subindo as escadas até à porta de casa, Martinho, desbobinou tudo o que lhe tinha acontecido durante a ausência dele, mas desta vez o pai vinha preocupado com qualquer coisa e não se mostrou muito disponível para o ouvir com atenção.

— Onde está a mãe?

— Está no *jardim de inverno* a pintar.

— Martinho, o pai precisa de falar com a mãe durante um bocado, está bem?

— Está bem.

— Então agora vai brincar e daqui a um bocadinho já voltamos a falar.

— Está bem.

Houve qualquer coisa no tom carregado da voz do pai que o deixou preocupado. Martinho fingiu que ia brincar, enquanto o pai se dirigia para o *jardim de inverno* para falar com a mãe — o que só por si já era estranho, porque o pai não costumava ir ter com a mãe quando chegava a casa. Mas, em

vez de ir brincar, o menino seguiu-o sorrateiramente e escondeu-se atrás de um arbusto a observá-los.

Como a porta estava fechada, não conseguiu ouvir o que eles diziam, mas ficou ali a ver os pais a conversarem. O *jardim de inverno* tinha paredes de vidro e por isso via-se tudo. Conversaram durante muito tempo e quanto mais o tempo passava mais Martinho se preocupava. Alguma coisa não estava bem. Viu o pai dizer qualquer coisa e a mãe levar a mão à boca. O pai continuou a falar. A mãe andava para a frente e para trás, a fumar, deixando um rasto de fumo. De vez em quando parava e perguntava qualquer coisa. Depois voltava a andar às voltas, como se não soubesse o que fazer. Martinho reparou nas lágrimas. A mãe estava a chorar! Isso assustou-o muito. O pai abraçou-a e assim ficaram, em silêncio, durante um bocado. Em seguida, o pai saiu e passou por ele a olhar para o chão e nem reparou que o filho estava ali, confuso, sem saber o que dizer. O pai entrou em casa e Martinho correu para a mãe.

Mais tarde, Amarguinha foi dar com Martinho no jardim com as mãos afundadas nos bolsos dos calções e aos pontapés à gravilha. Tinha os sapatos brancos de tanto os enterrar nas pedrinhas do caminho. Estava aborrecido.

— Olá.

— Olá — respondeu ele, com cara de poucos amigos.

— Que foi? Estás chateado?

— Estou.

— Porquê?

— O meu pai disse à minha mãe que estamos falidos.

— O que é isso?

— É quando não temos dinheiro. Diz-se assim.

— Falidos?

— Sim.

— Mas o teu pai é muito rico.

— Já não é. A minha mãe disse-me que ele vai ficar sem o banco.

— O banco já não tem dinheiro?

— Acho que não.

— Gastou-se todo?

— Gastou-se.

— E agora?

— E agora — encolheu os ombros — vamos ter de ir viver para uma casa mais pequena.

Amarguinha abriu muito os olhos.

— Para outra casa?!

— Foi o que a minha mãe disse.

— Então, se calhar, não nos vamos ver nunca mais.

O banqueiro passou o dia em reuniões que se prolongaram pela noite dentro. No caminho para casa, já tarde, teve uma conversa com o pai de

Amarguinha.

— Senhor Manuel — disse-lhe —, tenho uma notícia muito triste para lhe dar.

— Já percebi, senhor — disse o motorista.

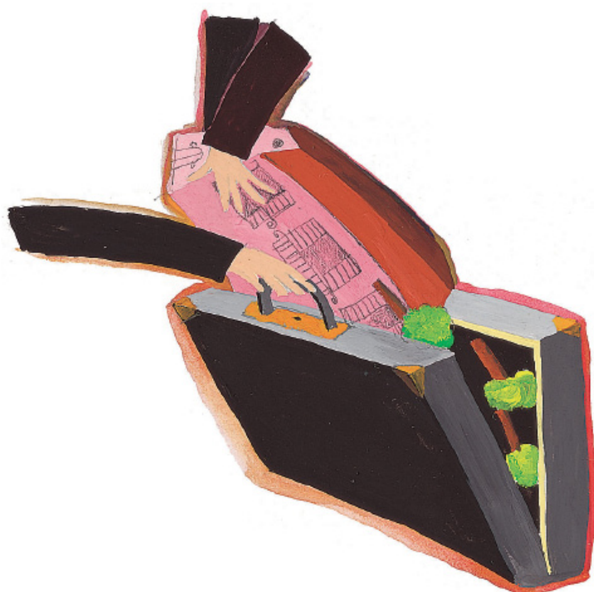
— Pois é — continuou o banqueiro —, os negócios não têm corrido bem. Aliás, para dizer a verdade, têm corrido muito mal mesmo. Vou ter de deixar o banco, ou o que resta dele, aos credores, vou ter de vender a casa e o pior é que terei de dispensar os seus serviços.

O motorista fez que sim com a cabeça.

— Tem até ao fim deste mês para resolver a sua vida. Posso tentar saber se sei de alguém que precise de um motorista…

Fizeram o resto do caminho em silêncio. O senhor Manuel sabia que a desgraça do patrão também seria a sua desgraça. Perderia o emprego e a casa onde vivia, uma vez que o patrão decidira vender a propriedade.

Um homem chegou para mostrar a residência a dois senhores engravatados que traziam pastas escuras e falavam pouco. Amarguinha e Martinho seguiram-nos por todo o lado e perceberam, pela conversa, ao que os homens vinham.



— Vão comprar a minha casa? — perguntou Martinho.

— Parece-me bem que sim — respondeu um dos senhores engravatados. — Não vamos?

— Sem dúvida — disse o segundo senhor. — Se chegarmos a acordo com o teu paizinho.

Espero bem que não, pensou Martinho. Mas o negócio já estava praticamente concluído.

Uma semana antes do fim do mês, a mãe de Amarguinha disse-lhe que teriam de ir viver para outra casa.

— Não há nada a fazer — disse a mãe, desconsolada. Também ela trabalhava para os pais de Martinho e agora ficaria sem emprego. O pai de Amarguinha andava muito preocupado e, apesar de não dizer nada para não assustar a menina, ela percebeu que a vida deles não estava a correr bem.

— Deixa lá, paizinho, havemos de arranjar outra casa.

— Claro, minha filha, claro — sossegou-a.

Amarguinha e Martinho deixaram de se ver desde que passaram a viver longe um do outro. O pai dela comprou um táxi com o dinheiro que havia poupado quando era motorista do pai de Martinho. Passaram-se quase dois anos. Amarguinha tornou-se uma menina crescida. Foi para a primeira classe e aprendeu a ler. Depois passou para a segunda classe e finalmente para a terceira. Agora morava num quarto andar. Já não tinha um jardim para brincar mas, em compensação, podia ver a cidade pela janela do seu quarto. E, de qualquer forma, havia um belo jardim público mesmo em frente do seu prédio, onde podia brincar.

Amarguinha lembrava-se muitas vezes do seu companheiro de brincadeiras.

— Mãe.

— Sim, filha.

— Quando é que vou poder ver o Martinho outra vez?

— Não sei, filha.

— Mas, não podemos telefonar-lhe?

— Não, porque não temos o número.

— E não podemos ir a casa dele?

— Não, querida. Eu já não sei onde ele vive.

Amarguinha punha-se a ver a cidade por cima dos prédios através da janela do seu quarto e imaginava que Martinho estava algures por ali. Mas a cidade era tão grande e ela não fazia ideia como procurá-lo… Colava o nariz à janela e ficava ali a lutar com o vidro que se embaciava com a respiração, enquanto os olhos castanhos esquadrinhavam as ruas. Vistas dali de cima, as pessoas pareciam mais pequenas. Aquele menino lá em baixo, com a mãe, podia ser o Martinho, ou aquele outro a atravessar a rua… quem sabia? Não se conseguia ver bem as caras deles. Havia de perguntar ao pai se sabia onde Martinho morava.

O pai só chegou muito tarde. Vinha do trabalho. Quase dez horas atrás do volante a transportar os clientes que lhe entravam no táxi, todos sempre com pressa para chegarem a qualquer lado. Estava cansado, mas só ficaria em casa o tempo suficiente para dormir umas horas. Depois voltaria ao seu táxi para passar horas e horas a percorrer a cidade, de um lado para o outro, a transportar pessoas. Algumas entravam-lhe pela porta de trás e não abriam a boca o caminho todo; outras não se calavam nem um bocadinho. Tanto podia apanhar clientes bem-dispostos e educados, como podia dar com clientes

rabugentos e carrancudos. Nunca se sabia.



Às vezes, Amarguinha passava dias sem ver o pai. Ele chegava depois da meia-noite, já ela estava a dormir, e partia ainda antes de o Sol nascer, antes de ela acordar. Mas naquela noite Amarguinha fez um esforço para ficar acordada. Queria fazer-lhe uma pergunta.

O banqueiro perdeu o seu banco. Desesperado, sentava-se, inerte, a ver o mundo pela televisão. Ele, que antes nunca estava em casa, agora nunca saía. Era um apartamento razoavelmente espaçoso, mas nada parecido com a bela casa com jardim vendida de outrora. O banqueiro não sabia o que fazer à vida. Sempre ocupara o seu tempo a trabalhar, a dirigir o banco que lhe fora deixado pelo seu pai, o avô de Martinho. Mas faltara-lhe a sorte.

Era um prédio sem graça. Ficava numa avenida larga, onde as árvores morriam por causa dos fumos dos carros, que se acumulavam a quase todas as horas do dia, buzinando freneticamente quando os semáforos caíam para o verde.

— Por que é que as pessoas estão sempre com pressa? — espantava-se Martinho, perante a impaciência dos automobilistas.

— É a vida na cidade — explicava-lhe a mãe — que nos obriga a correr o tempo todo.

Martinho mudara de escola, tinha novos amigos, mas também ele não se esquecera da sua companheira de tantas tardes no jardim da velha casa.

— Onde está a Amarguinha, mãe?

— Está na sua nova casa, com os pais.

— E onde é que eles moram?

— Não sei, querido.



— Mas ela é minha amiga — protestou o menino. — Eu quero vê-la.

— Eu sei, filho — disse a mãe, com aquele seu ar pensativo, entre duas pinceladas. Pintava um gato cinzento. — É a vida na cidade, que afasta as pessoas. Perdemos o contacto com os amigos e deixamos de saber onde vivem, o que fazem…

Naquela noite, quando sentiu a porta da rua a abrir, Amarguinha saltou da cama e correu a perguntar ao pai se sabia de Martinho. Onde estava ele? Como podia encontrá-lo?

Mas a resposta do pai foi a mesma que a mãe já lhe tinha dado. Não sabia. Amarguinha ficou muito triste. Não conseguia perceber como é que se podia perder pessoas que se conhecia tão bem. Afinal de contas, Martinho era como se fosse seu irmão. Tinha brincado com ele toda a sua vida. E agora desaparecera, evaporara-se. Era muito estranho.

— Sabes — disse o pai —, o Martinho era muito teu amigo, mas…

— Era, não — interrompeu-o. — É.

— Pois, é muito teu amigo. Mas tens de perceber que eu e a tua mãe não éramos amigos dos pais dele. Quer dizer, nós gostávamos muito deles, mas eles eram os nossos patrões e isso é diferente de sermos amigos. Nós trabalhávamos para eles.

— Pois, mas o Martinho não era meu patrão, era meu amigo.

— Eu sei, filha, eu sei — reconheceu o pai, percebendo então que tinha errado ao esquecer-se de que a filha teria gostado de continuar a ver o filho dos patrões. — Eu vou ver se consigo saber onde é que o Martinho mora e, se descobrir, prometo que te levo lá.

Mas a verdade é que não descobriu. E Amarguinha não se conformava. Também ela havia mudado de escola e fizera novos amigos, mas Martinho era diferente. Quando se lembrava dele sentia uma alegria que lhe fazia brilhar os olhos. E isso não acontecia com mais ninguém. Mas depois, só de pensar que não sabia como o encontrar, sentia um aperto no coração e uma enorme tristeza.

Amarguinha lembrou-se de pedir ao pai que a levasse com ele no táxi durante um dia inteiro.

— Eu podia ir no banco da frente, sempre com muita atenção a olhar para as ruas e podia ser que encontrássemos o Martinho.

— O problema — explicou o pai — é que se tu fores no táxi as pessoas pensam que está ocupado e não me mandam parar. E assim fico um dia inteiro sem clientes.

— Mas eu posso esconder-me no lugar da frente e assim as pessoas já não pensam que está ocupado.

— Só que isso não é permitido e, além disso, o lugar da frente não é para as crianças.

— Mas o pai não percebe que é muito importante para mim encontrar o Martinho?

— Percebo, filha, mas eu preciso de trabalhar e tu tens de ir à escola.

— E se fosse no fim-de-semana?

— Podemos fazer isso no domingo — concordou o pai.

— Está bem — disse ela, sorrindo de satisfação. — Então, vamos procurá-lo no domingo.

O pai de Martinho estava zangado e não falava com ninguém.

Passava o tempo em roupão e arrastava-se pela casa como se fosse um fantasma. Em poucos meses parecia ter envelhecido anos. Fumava muito, tinha uma nuvem de fumo que o envolvia permanentemente. O cabelo, outrora negro, bem penteado e basto, era agora um monte de fiapos brancos e desgrenhados. A mãe de Martinho dizia ao menino que o pai estava a passar uma fase má e que tinham de ter paciência com ele. Mas a verdade é que ela só dizia aquilo para que o filho não se preocupasse, porque ela própria já não sabia o que fazer com o marido. O banqueiro estava desanimado.

O dinheiro começou a faltar em casa de Martinho e os pais venderam algumas pratas e móveis para terem dinheiro para comprar comida e pagar a renda. Mas depois acabaram-se os objectos valiosos e eles viram-se obrigados a pedir dinheiro emprestado. Mas também essa ajuda se esgotou e os amigos ricos de antigamente começaram a afastar-se.

Um dia os pais de Martinho tiveram uma grande discussão porque a mãe queria que o pai atirasse a tristeza para trás das costas e fosse procurar um emprego. Mas, ao ouvir isso, o pai ficou muito ofendido.

O banqueiro falido pensou que tinha fracassado. E era isso que o deixava de rastos. Ele, que sempre proporcionara à mulher e ao filho todas as

comodidades que o dinheiro podia comprar, sentiu uma vergonha tão grande por ter perdido a sua fortuna que só lhe apetecia enfiar-se num buraco e ficar lá o resto da vida. Destroçado, fechou-se em casa sem ânimo para mais nada que não fosse deambular pelos corredores a arrastar os chinelos, de braços caídos e mãos enterradas nos bolsos do roupão, ou afundar-se no sofá da sala onde ficava inerte durante horas a olhar para a televisão e a fumar cigarros. Via o mundo pela televisão, sem energia para o enfrentar em carne e osso. Não disse a ninguém onde moravam e proibiu a mulher de revelar a quem quer que fosse o paradeiro da família. E assim afastou-se completamente dos velhos companheiros de negócios. Escondeu-se no seu sofá.

Martinho tentava falar com o pai, mas ele andava irritadiço, dizia ao filho que o deixasse em paz.

— Pai — insistia o menino, ansioso por atenção —, não quer saber o que eu fiz hoje na escola?

— Agora não, filho — dizia. — Mais tarde, mais tarde.

Por fim a mulher decidiu que era tempo de o marido reagir àquela situação e, deixando em suspenso o esboço de um gato sem alma, largou os pincéis e fez-lhe frente com a dureza que, por vezes, o amor exige.

— Faz-te à vida — disse-lhe ela. — Enfrenta a realidade, procura os amigos que te possam apoiar. O que não pode ser remediado, remediado está, por isso esquece o banco e vai procurar um negócio novo.

— Eu não consigo — disse ele —, não tenho coragem para fazer nada, nem falar com ninguém.

— Mas tens de ter. Não podes ficar o resto da vida escondido em casa.

— Deixa-me em paz, já me basta o que tenho passado.

— Ai, não te deixo em paz, não! Vais arranjar-te, vestir o teu melhor fato e tratar de ir falar com os teus amigos para que te ajudem.

Quando queria, a mãe de Martinho sabia ser persistente. Não era mulher de se deixar abater à primeira dificuldade. Arregaçava as mangas, empinava o nariz e dizia o que tinha a dizer.

— Não vou pedir nada a ninguém — gritou o pai. — Não me vou humilhar!

— Pedir ajuda aos amigos — gritou ela, por sua vez — não é humilhação nenhuma!

— Mas tu própria já pediste dinheiro emprestado a todos os amigos a quem podíamos recorrer!

— Porque, se assim não tivesse sido, já tínhamos morrido de fome há muito tempo. Ou querias que ficasse à tua espera para arranjar forma de pagar as contas do supermercado?

— Então — ofendeu-se o pai — se não precisas de mim para nada, vou-me embora desta casa! — E foi.

Martinho assistiu à discussão dos pais, aflito, dissimulado num cantinho discreto, com a mão a tapar a boca para que um grito não lhe saltasse da

garganta retraída. Queria dizer-lhes que não discutissem, gritar ao pai que não se fosse embora, impedir todo aquele pesadelo. Mas, no fim acabou por se deixar ficar sentado no chão, sem saber como transmitir aos pais o horror que o tinha paralisado.



Primeiro, Martinho sentiu-se culpado e ficou triste, mas depois começou a pensar melhor naquilo tudo e ficou zangado. Afinal de contas, pensou, o pai não devia tê-lo abandonado, a ele e à mãe, não tinha o direito, especialmente numa altura tão difícil. A mãe deu-lhe razão.

— É nos momentos difíceis que se vêem os amigos — disse, porém mais uma vez arranjou uma explicação para o desculpar. — O pai não tem estado bem, mas vais ver que daqui a uns tempos ele volta.

— Se ao menos eu pudesse falar com a minha melhor amiga — desabafou Martinho.

— A Amarguinha?

— Sim.

— Um dia havemos de encontrá-la.

— Mãe — perguntou o menino, com uma lágrima ao canto do olho —, por que é que todas as pessoas de quem gostamos se vão embora?

E a mãe sentiu um nó na garganta e abraçou-o com força.

— Não é verdade, meu querido, não é verdade. Olha, aconteça o que acontecer, eu nunca me hei-de ir embora. Vamos ficar sempre juntos. Prometo.

O domingo não correu bem. Tal como prometido, o pai de Amarguinha levou-a no seu táxi e percorreram a cidade em busca do paradeiro de Martinho. Foram bater à porta da casa antiga, que era agora a sede de uma empresa, e perguntaram ao porteiro se os moradores anteriores haviam

deixado um endereço para onde lhes fosse enviado o correio. A resposta foi *não*, não havia indicação nenhuma nesse sentido.

Visitaram os dois restaurantes onde o pai de Martinho costumava almoçar. Aí, disseram-lhes que ele nunca mais tinha aparecido. Aparentemente, o ex-banqueiro alterara os seus hábitos e já não frequentava os mesmos sítios de antigamente.

O banco mudara de nome, os funcionários eram outros e ninguém soube dizer onde se podia encontrar o antigo patrão.

Ao fim da tarde Amarguinha e o pai regressaram a casa de mãos a abanar. Não descobriram nem uma pista de Martinho.

Um dia a mãe de Martinho lembrou-se de mostrar um dos seus quadros a um amigo da família que era dono de uma galeria.

— O que é uma galeria? — perguntou Martinho.

— É um lugar onde se vendem quadros — explicou a mãe.

— É uma loja?

— Sim — disse. — É como se fosse uma loja.

O dono da galeria ficou encantado com o quadro.

— Maravilhoso — exclamou, com os olhos a brilharem. — Prodigioso!

Era o *Caçador* pintado a óleo.

— Tem mais? — quis saber o dono da galeria.

— Tenho muitos, todos com gatos.

— Traga-mos — disse o homem, entusiasmado. — Traga-mos todos.

Os quadros tiveram muito sucesso. Subitamente, todos os apreciadores de arte queriam comprar os *gatos* da mãe de Martinho. Em pouco tempo os seus quadros atingiram preços altíssimos. Como havia muitas pessoas a quererem comprá-los, o dono da galeria vendia-os por muito dinheiro.

A vida da Amarguinha só lhe trazia duas contrariedades: não saber como encontrar o seu amigo Martinho e o facto de não gostar de doces. A mudança de casa fora acompanhada pela mudança para uma escola no novo bairro. A primeira coisa que os colegas quiseram saber foi por que é que Amarguinha se chamava assim.

— Porque não gosto de doces — explicou a todos os que lhe perguntaram.

— Não gostas de doces?! — espantavam-se. Era tão estranho, todos os meninos adoravam doces. Como era possível que ela não gostasse?

— E chocolate? — perguntavam.

— Não gosto.

— E um bolo cheeeeeio de creme e com muitas frutas?!

— Também não.



Era muito aborrecido, porque olhavam para ela como se tivesse vindo de outro planeta. As pessoas não aceitavam bem aqueles que se destacavam por serem diferentes, tinham tendência para rejeitar o que não compreendiam. Ora, ninguém percebia como é que Amarguinha não gostava de doces. Ainda se fosse de sopa, agora doces! E ela, que até nem se importava nada com o assunto, tinha de lhes fazer ver que não era nada de especial não se gostar de doces.

Havia meninos que gozavam com Amarguinha: «Azeda, azeda, azeda!» repetiam, só para a chatear. Mas ela depressa aprendeu que os meninos que a tratavam mal também tinham medo de ser maltratados.

Foi no recreio. Quatro rapazes rodearam Amarguinha, afastando-a das amigas. «Azeda, azeda, azeda!», gritavam. Aflita, Amarguinha tapou os ouvidos com as mãos. «Azeda, azeda, azeda!», gritaram mais alto. «Parem», suplicou ela, envergonhada. «Azeda, azeda, azeda!» Amarguinha tentou romper o cerco e fugir, mas eles empurraram-na para trás. «Azeda, azeda, azeda!» Eram mais fortes e não a deixavam escapar-se. Gritavam-lhe aos ouvidos «azeda, azeda, azeda!» e riam-se dela. Amarguinha começou a suar e com vontade de chorar. Mas os meninos continuaram «azeda, azeda, azeda!» As amigas tentaram pará-los, mas eles empurraram-nas.

— Estejam calados! — gritou Amarguinha, furiosa.

E então alguém lhe puxou os cabelos e Amarguinha perdeu a cabeça.

Ficou tão zangada, tão zangada que os seus olhos se enevoaram e ela deixou de ver bem. Pareceu-lhe que tinha pequenos raios dentro dos olhos. Pelo menos, foi isso que viu. A sua mão fechou-se com força e disparou sozinha contra o nariz do rapaz que lhe puxou os cabelos. Mais tarde explicou à mãe que a sua mão fez tudo sozinha, porque nem mesmo depois de se ter acalmado foi capaz de se lembrar de ter decidido fazer aquilo conscientemente. «Não, mãe, foi a minha mão que quis bater no menino e eu

não pude fazer nada.»

O rapaz agarrou-se ao nariz com os olhos muito abertos de espanto e quando olhou para a mão viu que a tinha suja de sangue. Chocado, começou a choramingar: «ai, ai, ai, ela bateu-me, ela bateu-me!» Os outros calaram-se, com medo que lhes acontecesse o mesmo, enquanto ele se ia dali embora com o nariz a pingar. Foi-se queixar à professora. Disse que Amarguinha lhe tinha batido com toda a força.

— Amarguinha! — chamou a professora. — Bateste no Miguelinho?

— Eu não — disse ela, sem faltar à verdade. — Foi a minha mão.

— Ai, foi a tua mão? Então a tua mão vai ficar de castigo. E tu também, porque vais ter de ficar com ela.

— Mas — protestou — foi ele que me puxou os cabelos primeiro.

— Então, ficam os dois de castigo, para aprenderem a não andar à bulha.

— Hoje ao almoço — decretou a professora — não comem sobremesa.

Os meninos aprenderam a lição, aprenderam que por vezes a mão de Amarguinha disparava direita aos narizes daqueles que a arreliavam e não havia nada a fazer para parar uma mão assim, pois se nem a própria Amarguinha, que era dona dela, conseguia pará-la, muito menos os que a aborreciam poderiam fazer alguma coisa para evitar o choque. A mão de Amarguinha tinha magia. A mensagem passou de boca em boca, espalhou-se pela escola e nunca mais ninguém gozou com ela.

A mãe disse-lhe que não era bom resolver os problemas daquela maneira. Não devia dar murros nas outras pessoas, não era bonito, não se fazia. Amarguinha tentou explicar à mãe que quando estava muito, mas mesmo muito zangada, via pequenos raios nos olhos e depois aquilo podia acontecer.

A mãe de Martinho começou a falar em mudarem de casa outra vez. Voltara a haver dinheiro para pagar as contas do supermercado sem ser necessário pedir emprestado aos amigos. Os gatos que a mãe pintava valiam uma fortuna e ela estava decidida a sair daquele apartamento «horroroso» e ir viver para um sítio decente. Martinho não percebia por que é que a mãe achava aquele apartamento tão mau, o que ele sabia era que não queria mudar de maneira nenhuma. Tinha a certeza de que o pai regressaria em breve e voltaria a viver com eles logo que ultrapassasse aquela sua «fase má», como a mãe dizia. Mas se eles mudassem de casa o pai nunca mais daria com eles e isso não podia acontecer.

— Não te preocupes Martinho — sossegou-o a mãe — que o pai há-de encontrar-nos.

— Não encontra, não.

— Encontra, filho — garantiu ela, cheia de paciência.

— Como, mãe, como?

— Nós deixamos cá a nossa nova morada e o pai só tem de perguntar à porteira.

— Pois, mas e se ele não perguntar? E se a porteira perder a morada?

— Martinho, o pai não vai desaparecer. Quando ele quiser voltar, ele encontra-nos.

— Só que — disse Martinho, encolhendo os ombros, nada convencido —, se for como a Amarguinha, nunca mais o vemos.

Havia um quarto grande, quase sem mobília, onde um banco alto e uma tela apoiada num cavalete de pernas compridas faziam as delícias da mãe de Martinho. Mergulhava em tintas, experimentava cores e pintava gatos que depois entregava ao dono da galeria para ele os vender por preços que a deixavam com um sorriso de orelha a orelha quando recebia o cheque. A mãe vestia uma bata às riscas azuis e brancas que já não se viam, tantas eram as camadas de tinta que a esborratavam. Parecia um quadro ambulante, muito colorido, o seu único quadro sem gatos.



A mãe resolveu contratar uma empregada, pois não tinha tempo para tratar da casa. Pintava gatos a tempo inteiro e esquecia-se de fazer as camas, limpar o pó e fazer o almoço. Se Martinho reclamava com fome, respondia-lhe de forma prática:

— Vai ao frigorífico e come o que quiseres.

— Mas eu quero almoçar.

— A mãe está só acabar de pintar este gato. — Mas este «só» podia perfeitamente perder-se em cinco ou seis horas à volta de uma tela a dar vida ao gato.

Apareceram sete candidatas, em resposta ao anúncio «Empregada precisa-

se» que a mãe pôs no jornal. Ficou uma senhora simpática de sorriso fácil e boas maneiras.

— Chamo-me Henriqueta — anunciou —, mas toda a gente me trata por Queta.

— Fica dona Queta, então — declarou a mãe. E a partir desse dia as camas eram feitas, o pó era limpo e Martinho almoçava a horas.

O *Caçador* andava sempre escovado, impecavelmente escovado, usava uma coleira nova com um guizo que avisava quando ele se aproximava e via-se nos seus olhos cinzentos de gato manhoso que se considerava importante. Já só era *Caçador* de nome. A casa nova, um apartamento moderno cheio de mármores e tapetes ricos, não tinha ratos. De forma que o gato não precisava de andar vigilante a policiar os cantos e a espreitar debaixo dos móveis. Levava uma vida pacata, enroscado nos tapetes ricos e a ronronar de prazer. Ocasionalmente aparecia algum desconhecido a quebrar a rotina da casa e o *Caçador* enrolava a cauda, eriçava os pêlos, encurvava-se todo e fazia *fiiiissstt*. Mas normalmente não tinha nada para fazer.

Veio a Primavera e levantaram-se os pós dos tempos secos que acordavam as alergias de quem sofria de asma e de outros males da época. Martinho ficou aflito. A asma que o atormentava parecia piorar a cada novo ataque. O médico que lhe revelara a doença fora brando no diagnóstico, pois garantira que era coisa leve. Afinal não era. Martinho via-se sem conseguir respirar e precisava de uma bomba de ar para acalmar as crises.

A mãe andava atarefada a montar uma exposição e só as crises do menino lhe desviavam a atenção do projecto.

— Como vai ser a exposição, mãe? — perguntou o menino.

— Vai ser na galeria. Vamos mostrar os quadros que a mãe pintou.

— Os gatos tooodos?!

— Todinhos.

— E depois?

— E depois as pessoas vão lá ver e, se gostarem, podem comprá-los.

— E vão muitos amigos?

— Vamos convidar todos os nossos amigos.

— Ah! — exclamou Martinho com os olhos muitos abertos de esperança. — Então podemos convidar a Amarguinha?

— Poder, podemos — respondeu a mãe, fazendo-lhe uma festa na cab eça —, mas o problema é não sabermos para onde enviar o convite.

Quando Amarguinha fez oito anos sentiu-se uma menina muito crescida e, como viviam num bairro sossegado, a mãe começou a deixá-la sair à rua sozinha para fazer pequenos recados. Podia ir à mercearia buscar um litro de leite ou à papelaria comprar o jornal que o pai gostava de ler ao fim-de-semana. Ali à frente, havia um jardim com escorregas e baloiços onde Amarguinha ia muitas vezes ao fim do dia. Era tão perto que a mãe a podia

ver da janela e chamá-la quando o jantar estava pronto.

Amarguinha aprendeu com o pai como se atravessava a rua.

— Tens que olhar sempre antes para veres se vem algum carro. É muito perigoso atravessar sem ligar ao trânsito.



O pai explicou-lhe que na rua deles só precisava de olhar para a esquerda, pois tratava-se de uma rua de um só sentido, mas nas avenidas grandes era necessário olhar primeiro para a esquerda e depois, chegando a meio da estrada, olhar para a direita. E só devia atravessar nos locais permitidos, onde havia passadeiras e semáforos. Amarguinha sabia bem que, quando a luz do semáforo ficava vermelha, os carros paravam e as pessoas podiam atravessar. Nunca antes!

Ao fim da tarde de um daqueles dias quentes de Junho, Amarguinha foi até ao jardim brincar durante um bocadinho enquanto a mãe acabava de fazer o jantar. Esperava-a uma surpresa. Nesse fim de tarde voltou a encontrar a menina de pele branca e olhos azuis. De repente, ali estava ela, sentada num banco do jardim, ao pé dos baloiços. Dois anos depois. O mesmo cabelo cor de algodão e os mesmos olhos tristes. Reconheceu-a logo. Tinha graça, pensou, às vezes lembrava-se dela e de ter contado a Martinho que tinha visto um anjo. Tinha graça e não tinha, era um bocado estranho encontrá-la tanto tempo depois.

Havia mais crianças no jardim, mas aquela era a única que não brincava. Estava sentada sozinha, a olhar sabia-se lá para onde. Amarguinha ganhou coragem e foi falar com ela.



— Olá.
— Olá — respondeu a menina, continuando no entanto a olhar em frente.
— Como é que te chamas?
— Branca.
— Eu chamo-me…



— Amarguinha — interrompeu-a —, eu sei.
— Como é que sabes?!
— Sei.
— Mas, como…
— Outro dia ouvi a tua mãe chamar-te da janela.
— Ah, está bem. Costumas vir a este jardim?
— Às vezes.
— Vives aqui perto.
— Vivo em casa da minha tia, que é mesmo ali em cima.
— Vives com a tua tia?
— Hum, hum — fez que sim com a cabeça.
— E os teus pais?
— Fazes sempre assim tantas perguntas? — irritou-se subitamente a menina.
— Não… não — gaguejou Amarguinha, atrapalhada com a reacção. — Era só… para… para saber.
— Não tens nada com isso.
— Está bem, desculpa. Queres ir para os baloiços?
— Não — respondeu Branca, ainda irritada. — Tenho de ir-me embora.

Amarguinha pensou que Branca não gostara dela e que nunca seria sua amiga. Mas afinal a menina voltou a aparecer no jardim no dia seguinte ao fim da tarde. E desta vez aceitou a sugestão para andar de baloiço. Amarguinha não lhe fez mais perguntas, com medo de a irritar novamente. Branca também não disse nada. Aparentemente, preferia não falar de si. Mas continuou a ir ao jardim e, à medida que se iam conhecendo melhor, ganhou confiança para lhe contar algumas coisas. Não que Amarguinha estranhasse a timidez da amiga.

Sabia bem como as pessoas conseguiam ser más e não perdiam uma oportunidade para troçarem umas das outras. Se ela, só por não gostar de doces tinha de dar murros aos colegas — bem, ela não, a sua mão, para ser mais exacta —, mas se tinha de esmurrar o nariz dos colegas para que a deixassem em paz, imagine-se alguém com o cabelo igual a algodão e a pele da cor do leite.

As duas meninas tornaram-se boas amigas. Branca também tinha oito anos e Amarguinha descobriu que apesar de ser uma alma sensível ela podia ser muito simpática. Frequentavam escolas diferentes, mas Branca decidiu que ia pedir à tia para mudar para a de Amarguinha no ano seguinte.

— Ia ser bom passarmos o dia juntas — disse.

— E até podíamos ir para a mesma aula!

— Pois era, e fazíamos os trabalhos de casa juntas.

Por vezes, os tristes olhos azuis de Branca pareciam iluminar-se de felicidade e ela parecia outra. Mas normalmente mantinha aquela expressão reservada, sempre alerta, como se tivesse receio do mundo. Só quando brincava com Amarguinha é que Branca se sentia feliz. Bastava aparecer algum desconhecido para logo se fechar na sua *concha*.

Conversaram horas seguidas sem se cansarem. Amarguinha contou-lhe que uma vez a tinha visto duas vezes no mesmo dia, primeiro na rua e depois no supermercado. Branca olhou para ela espantada. Não se lembrava de nada.

— É verdade — insistiu Amarguinha.

— Ah — riu-se —, estás a brincar.

— Não estou, não. Eu vi-te aquela vez e nunca mais me esqueci de ti. E sabes porquê?

— Não.

— Porque eu pensei que tu eras tão bonita que até parecias um anjinho.

— Ah, ah, ah …– agarrou-se à barriga sem conseguir parar de rir.

Nunca ninguém lhe tinha dito que parecia um anjinho. Branca tinha a ideia errada de que era feia e era por isso que não gostava de falar com as pessoas que não conhecia, pois receava que a achassem esquisita e a tratassem mal. Mas não, apesar de ser diferente das outras meninas, Branca até era mais bonita do que a generalidade das meninas da sua idade. Pensando bem, podia mesmo ser um anjinho, se não fosse uma menina de carne e osso.

Amarguinha falou-lhe mais desse dia em que a tinha visto. Contou-lhe que tinha dito a Martinho que vira um anjinho.

— Quem é o Martinho?

— É o meu melhor amigo, só que eu já não o vejo há tanto tempo que até estou com medo de me esquecer da cara dele.

— Mas se é o teu melhor amigo por que é que não o vês?

— Porque não sei onde é que ele está.

— Não sabes?! — espantou-se Branca, tapando a boca com a mão, como se se tivesse assustado.

— Não — confirmou Amarguinha. E depois contou-lhe a história toda.

Disse-lhe que antes moravam no mesmo sítio e que o pai de Martinho tinha um banco e a mãe pintava gatos a toda a hora. Explicou-lhe que o pai dele era dono de um banco mas o banco tinha falido.

— O que é isso?

— Isso, o quê?

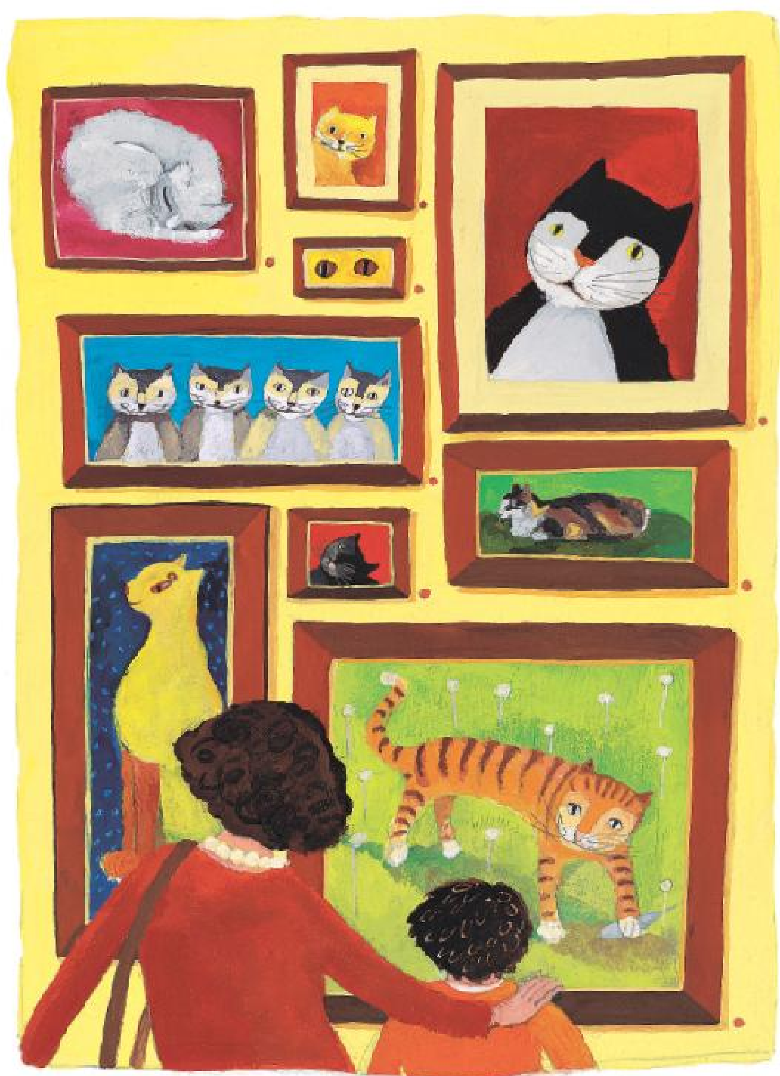
— Falido.

— É quando o banco fica sem dinheiro.

— Ah, e o banco do pai do teu amigo ficou sem dinheiro?

— Ficou, e foi por isso que eles mudaram de casa e nós também.

Mas, disse Amarguinha, a história não acabava ali. Contou-lhe que já procurara Martinho por todos os lados e que era como se ele e os pais se tivessem tornado invisíveis e ninguém soubesse deles. Branca ouvia aquilo, e quanto mais ouvia mais impressionada ficava. Amarguinha terminou, olhou para a amiga e reparou que os seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas.



— Por que é que estás a chorar?

— Porque — suspirou — eu também tenho uma história assim.

E então Branca contou a sua história. Só que a história de Branca era muito mais triste do que a de Amarguinha.

A exposição da mãe de Martinho foi um sucesso. Abriu numa quinta-feira à noite e recebeu dezenas de amigos. As paredes da galeria estavam cheias de gatos — os quadros da mãe —, e ela passou o tempo todo a conversar com os convidados e com os jornalistas que lhe fizeram perguntas sobre coisas de que Martinho não percebeu nada, mas que depois a mãe lhe explicou que tinham a ver com o seu trabalho de pintora. «Sim», disse ela toda orgulhosa, «agora que já fiz a minha primeira exposição já me sinto uma verdadeira pintora.» E os jornalistas vieram acompanhados de fotógrafos que estiveram sempre a tirar fotografias com as suas luzes brancas, que deixavam as pessoas sem ver nada quando as disparavam nas suas caras sorridentes.

A dona Queta também foi, para tomar conta de Martinho, e até o *Caçador* esteve presente. Aliás, a mãe pegou no *Caçador* ao colo e disse a toda a gente que aquela exposição só era possível «por causa aqui do "Caçador", que é o gato do meu filho Martinho, e foi o primeiro a ser pintado, como podem ver pelo quadro que está logo à entrada da galeria.» O *Caçador* levantou o focinho com os seus bigodes muito bem penteados e pôs aquela cara importante de quem sabia que estavam a falar dele.

A mãe explicou a Martinho como é que se sabia se a exposição estava a correr bem.

— É assim — disse —, quando as pessoas gostam dos quadros e os compram para os levar para casa, cola-se uma bolinha cor de laranja na parede ao lado do quadro. Portanto, se houver muitas bolinhas cor de laranja é porque já vendemos muitos quadros.

Martinho andou a espreitar os quadros para saber se tinham as bolinhas cor de laranja ao lado e descobriu que se tinham vendido quase todos. O que queria dizer que a exposição tinha corrido bem.

Ao fim da noite, já em casa, a mãe foi dar-lhe um beijo à cama e apagar-lhe a luz da cabeceira. Já era tarde e Martinho estava cheio de sono, mas antes de adormecer ainda conversaram um bocadinho. A mãe estava feliz.

— Foi uma noite boa — disse. — É sempre bom quando o nosso esforço é recompensado. Eu trabalhei aqueles dias todos a pintar os meus quadros e agora consegui vendê-los.

— Só foi pena o pai não ter ido connosco — disse Martinho.

— Pois foi — concordou a mãe, um bocadinho triste por se lembrar da falta que lhe fazia o marido. — Talvez um dia destes ele volte — disse, mas Martinho já não a ouviu, pois adormeceu antes de ela ter acabado a frase.

Naquela sexta-feira o pai de Amarguinha entrou em casa aos gritos de contente. Veio aos pulos e a chamar a filha numa tal algazarra que a mãe

pensou que o pai tinha enlouquecido. Amarguinha riu-se divertida com o espectáculo do pai aos saltos a abanar uma revista em cima da cabeça, enquanto dançava em redor da mesa de plástico que havia no centro da cozinha. Aquilo era engraçadíssimo, até porque o pai não era nada dado a grandes manifestações de alegria. Mas Amarguinha não estava a perceber nem um bocadinho o que o trazia tão feliz, que até dançava à volta da cozinha.

— Descobri! Descobri! Descobri! — cantou ele, a acenar a revista.

— Oh, homem, descobriste o quê?! — quis saber a mãe. Mas ele só cantava.

— Descobri! Descobri! Descobri!

— Pai. O que foi?

— Descobri! Descobri! Descobri!



Nessa mesma sexta-feira Martinho teve um grave ataque de asma e a mãe foi chamada à escola de urgência. Ao chegar lá foi encontrar o menino aflito com faltas de ar. Tinha sido o pó do giz, disse a professora. O pó do giz fazia-lhe mal, mas às vezes Martinho esquecia-se e ia brincar para o quadro. Tinha sido no intervalo das aulas. Como a professora não estava a ver, Martinho estivera a fazer desenhos no quadro. Resultado: um ataque de asma fortíssimo que o obrigou a ir ao hospital.

— Já passou, meu querido — disse a mãe, a abraçá-lo. Estavam num quarto do hospital e finalmente a crise começava a amainar. Martinho,

cansado de lutar contra a falta de ar, deixou-se embalar pela mãe. Ela afundou a cara no cabelo espesso do filho e escondeu nos seus caracóis as lágrimas de preocupação que lhe escorriam dos olhos. — Já passou, meu querido, já passou — repetiu, até que Martinho adormeceu de cansaço.



Apesar de isto se passar no dia seguinte a ter vendido os quadros, ela amaldiçoou a vida por lhe trazer tantas preocupações. Agora tinha dinheiro mas o filho estava doente e isso era bem pior do que não ter dinheiro.

Dona Queta recebeu Martinho com carinhos de avó. Apesar de estar lá em casa há pouco tempo, a empregada adorava o menino e sofria com ele quando estava doente, assim como se alegrava com ele quando a vida lhe sorria. Mas dona Queta não gostava de lamechices e disfarçava as preocupações com um sorriso enorme, capaz de iluminar a alma mais triste.



Senhora de uma felicidade imensa, dona Queta animava a família com a sua voz alegre e, se eles precisavam de uma dose extra de optimismo, ia para

a cozinha onde fazia uso dos seus dotes mágicos para a culinária. Dona Queta punha-se a cantar baixinho enquanto criava pratos que eram obras de arte para o paladar. Ao fim de uma hora à volta dos tachos, um cheirinho irresistível começava a pairar pela casa, semeando pensamentos bons nas mentes que com ele se cruzavam. Martinho adorava a tarte de maçã e o bolo de chocolate, de forma que naquela sexta-feira difícil dona Queta recebeu-o com uma destas surpresas de fazer água na boca.

Agradecida por ela ser tão boa para Martinho, a mãe ficou bem mais descansada.

— Huuum — fez Martinho —, cheira bem.

— Sim, sim, meu menino, já vais comer. Mas primeiro — anunciou dona Queta — vai ao teu quarto porque tens lá uma surpresa muito maior.

— O que é?! — entusiasmou-se o menino. — O que é?!

— Vai lá, que já vês.

A história triste de Branca deixara Amarguinha ainda mais amiga da sua amiga. Agora ela já percebia porque é que Branca se irritara tanto quando lhe perguntara onde estavam os seus pais.

— Eu nunca conheci os meus pais — contou-lhe Branca mais tarde.

— Nãããão?! — exclamou Amarguinha, incrédula.

— Não. A minha mãe deixou-me com umas freiras logo a seguir a eu ter nascido.

— E a tua tia não sabe quem são os teus pais?

— Não. Na verdade a minha tia não é minha tia, eu é que a chamo assim.

— Ah — espantou-se Amarguinha, que nunca ouvira nada como aquilo.

— A minha tia disse-me que as freiras é que me deram o meu nome, porque eu já nasci com o cabelo branco. Depois a minha tia começou a tomar conta de mim e adoptou-me. Eu vivo com ela desde bebé. E pronto, agora já sabes tudo.

— E nunca soubeste nada da tua mãe?

— Sim. A minha mãe era pobre e estava doente. Como não podia tomar conta de mim, entregou-me às freiras. A minha tia disse-me que, para a minha mãe, entregar-me às freiras foi a coisa mais difícil da vida dela, mas que fez isso porque gostava tanto de mim que preferiu deixar-me num lugar onde eu fosse bem tratada.

— E como é que a tua tia sabia isso tudo?

— Foram as freiras que lhe contaram.

A vida às vezes podia ser estranhíssima, pensou Martinho depois de se recuperar da surpresa extraordinária que o aguardava no quarto. No mesmo dia, pensou, acontecia uma coisa horrível e uma coisa óptima. De manhã ia parar ao hospital sem conseguir respirar e à tarde abria a porta do quarto e zás: dava com a sua amiga Amarguinha sentada na cama, à espera que ele entrasse!

Aquilo é que foi uma surpresa. Dona Queta bem que o avisara. Amarguinha estava ali, nem conseguia acreditar. Finalmente! Saltaram de alegria, abraçados e aos gritos. A mãe e dona Queta tiveram um trabalhão para os acalmar.

— Calma meninos — disse a mãe —, que o Martinho tem de descansar.

Mas Martinho estava excitado por reencontrar a sua querida amiga e já nem se lembrava da manhã horrível que passara no hospital.



— Como é que soubeste onde eu morava?

— Foi o meu pai que descobriu.

— O teu pai é que te trouxe cá?

— Sim.

— E como é que ele descobriu?

— Viu numa revista.

— Numa revista?

— Sim, numa revista. Esta manhã ele viu uma fotografia da tua mãe com o *Caçador* ao colo e tu ao lado dela.

— Ah, foi ontem na galeria.

— Pois — disse Amarguinha —, e eu e o meu pai fomos à galeria e perguntámos onde é que vocês viviam.

Ficaram juntinhos a tarde inteira a brincar e a saber as novidades atrasadas daquele tempo todo em que não se tinham visto. Isto, claro, depois de Martinho se ter deliciado com a saborosa tarte de maçã de dona Queta e de Amarguinha ter comido uma torrada cheia de manteiga, aos palitos e tudo, como se faziam nas pastelarias. Dona Queta ainda tentou convencê-la

a experimentar a sua tarte de maçã, mas ela torceu logo o nariz e disse que não gostava de doces e não havia nada a fazer.

O *Caçador*, que de manhã ficara excitadíssimo ao ver Amarguinha e dera três voltas seguidas à casa a correr como se tivesse enlouquecido, acompanhou-os à porta. Agora era tempo de ela se ir embora. O pai foi buscá-la no final do seu turno e esperava-a na rua. Mas como Amarguinha já sabia onde Martinho vivia estava tudo bem.

— Amanhã voltas? — perguntou ele, ansioso.

— Volto — disse ela. — Vou pedir ao meu pai para me trazer. Mas também tens de ir a minha casa.

— Adeus Amarguinha — despediu-se a mãe de Martinho.

— Adeus mãe — respondeu ela, a lembrar uma brincadeira antiga.

— Amarguinha — ralhou, também a brincar —, eu não sou tua mãe.

Na segunda-feira Amarguinha foi dar com Branca sentada sozinha num banco do jardim. O seu lindo cabelo branco esvoaçava como algodão desordenado ao sabor de uma brisa agradável que se levantara ao final da tarde, mas a menina parecia não dar por isso. Estava que não se importava com nada, aborrecida, a olhar para um lado qualquer sem ânimo para se interessar com as coisas do jardim. As árvores tinham-se vestido de um verde viçoso da época. Os dias já se prolongavam até mais tarde e convidavam as pessoas a sair à rua para aproveitarem o sol. Nesse ano o Inverno havia sido uma tormenta constante. Chovera durante meses e o vento soprara com uma força de que não havia memória. O país ficara afogado em cheias e as pessoas, aflitas, não percebiam o que se passava com o tempo, apesar de a televisão dizer que a culpa era dos homens, que andavam a tratar mal o planeta. De forma que o calor da Primavera foi recebido como um favor divino.



Mas Branca parecia indiferente, ensimesmada com algum problema que a incomodava.

— Olá, Branca — saudou-a Amarguinha.

— Olá — respondeu, sem desviar os olhos para a encarar.

— Estás chateada?

— Não — disse, mas encolheu os ombros como se dissesse que sim.

— O que foi? — insistiu Amarguinha.

— Vim ao jardim na sexta-feira mas tu não apareceste e no sábado fui a tua casa saber se estavas doente. A tua mãe não te disse?

— Ah, sim — exclamou Amarguinha, percebendo a preocupação da amiga. — A minha mãe disse-me mas, sabes, encontrei o meu amigo Martinho!

— Foi? — disse Branca, sem mostrar grande interesse.

— Foi, e passei o fim-de-semana em casa dele. A minha mãe deixou-me ir lá dormir.

Branca não disse nada.

— Não é fantástico? — continuou Amarguinha, entusiasmada, relatando tudo o que acontecera sem esperar por qualquer resposta de Branca.

— E agora vais deixar de vir ao jardim brincar comigo? — perguntou-lhe finalmente, como se não tivesse ouvido nada do que Amarguinha acabara de dizer.

— Não, não, vou continuar a vir todos os dias.

— Sabes — disse, com a voz sumida — tu és a minha melhor amiga, a minha *única* amiga.

— Eu sei. E tu também és a minha melhor amiga. Não te preocupes, eu não vou desaparecer.

Mais descansada, Branca sentiu-se como se lhe tivessem tirado um enorme peso de cima dos ombros. Olhou para Amarguinha e esboçou um sorriso, se bem que foram os seus olhos que verdadeiramente brilharam de alegria, agora que lhe sossegara o coração.

Dona Queta ficou de sentinela com a missão de surpreender qualquer sinal de asma que afligisse Martinho, já que por vezes lhe faltava o ar sem que nada o fizesse prever. Depois do grave ataque que atirara o menino para as urgências do hospital, a mãe decidiu dar-lhe uns dias de repouso em casa como precaução contra os pós de giz que impregnavam o ar da sala de aulas. A princípio Martinho até aceitou de bom grado aquelas férias imprevistas, mas ao fim de dois dias já se fartara de estar enfiado em casa.

No fim-de-semana tivera a companhia de Amarguinha, mas na segunda-feira a amiga foi para a escola e Martinho ficou sozinho. O *Caçador*, já sabia, mantinha-se a uma distância segura; a mãe recomeçara a pintar e as suas tintas deitavam um cheiro intenso que lhe fazia tanto mal como o giz da escola. Dona Queta, atarefada nos deveres da casa, ainda assim era a companhia disponível. E os odores felizes da *sua* cozinha eram os únicos que não prejudicavam a saúde precária de Martinho.

Mas na quarta-feira Martinho já estava desesperado por sair de casa e quando, por brincadeira, improvisou o rádio de pilhas de dona Queta para servir de submarino no lavatório da casa de banho, tornou-se urgente mandá-lo de novo para a escola.



— Muito bem, meu menino — declarou a mãe, ao ouvir o som abafado do rádio, debaixo de água, como se fosse um afogado a pedir socorro —, amanhã voltas para a escola.

A vida regressou ao normal, mas Martinho sentia que lhe faltava qualquer coisa e isso entristecia-o. Eram as saudades do pai a fazer das suas.

Havia seis meses que o pai saíra de casa. Nos últimos dias Martinho pusera-se a pensar numa ideia que lhe entrara na cabeça e nunca mais de lá saíra. Andava às voltas com aquela ideia há muito tempo mas, talvez por exigir uma boa dose de coragem, nunca a levara a sério. A verdade é que, lentamente, a ideia fora tomando a forma de um plano. Mas não falou do assunto a ninguém. Preferiu guardar segredo, pelo menos enquanto não decidisse se ia pôr o plano em prática.

No fim-de-semana seguinte foi a vez de Martinho visitar Amarguinha. Passaram o sábado juntos a brincar no jardim. Amarguinha apresentou-lhe a sua nova amiga.

— Ela é a Branca. Ele é o Martinho — e ele ficou de boca aberta a pensar que Amarguinha tinha razão, pois Branca parecia mesmo um anjinho.

Martinho adorou-a. Adoptou-a imediatamente como se fosse a sua segunda irmã, já que Amarguinha era a primeira. Branca também ficou feliz por fazer um novo amigo.

Mas isto foi no sábado porque, para domingo, Martinho tinha uma coisa muito importante a fazer. Era o plano em que andara a matutar. Finalmente decidira-se a pô-lo em prática. E já não voltaria atrás.

— Vou procurar o meu pai — declarou, pondo uma expressão grave.

— Vais?! — exclamou Amarguinha, intrigada com a ideia dele.

— Vou — disse.

— E onde é que o vais procurar?

— Bem — disse — eu tenho uma ideia.

— Qual é?

— O meu pai costumava jogar golfe todos os domingos. Era num clube e

de certeza que se eu for lá, encontro-o.

Ficou então decidido que iam os três. Amarguinha e Branca quiseram ajudar Martinho, por isso planearam tudo muito bem para o dia seguinte.

Martinho disse à mãe que passaria o domingo em casa de Amarguinha. Amarguinha disse à sua mãe que ficaria até ao fim da tarde em casa de Branca. Branca disse à tia que regressaria no final do dia, pois iria passar a tarde a casa de Amarguinha. E assim ganharam algumas horas livres para irem ao clube de golfe.

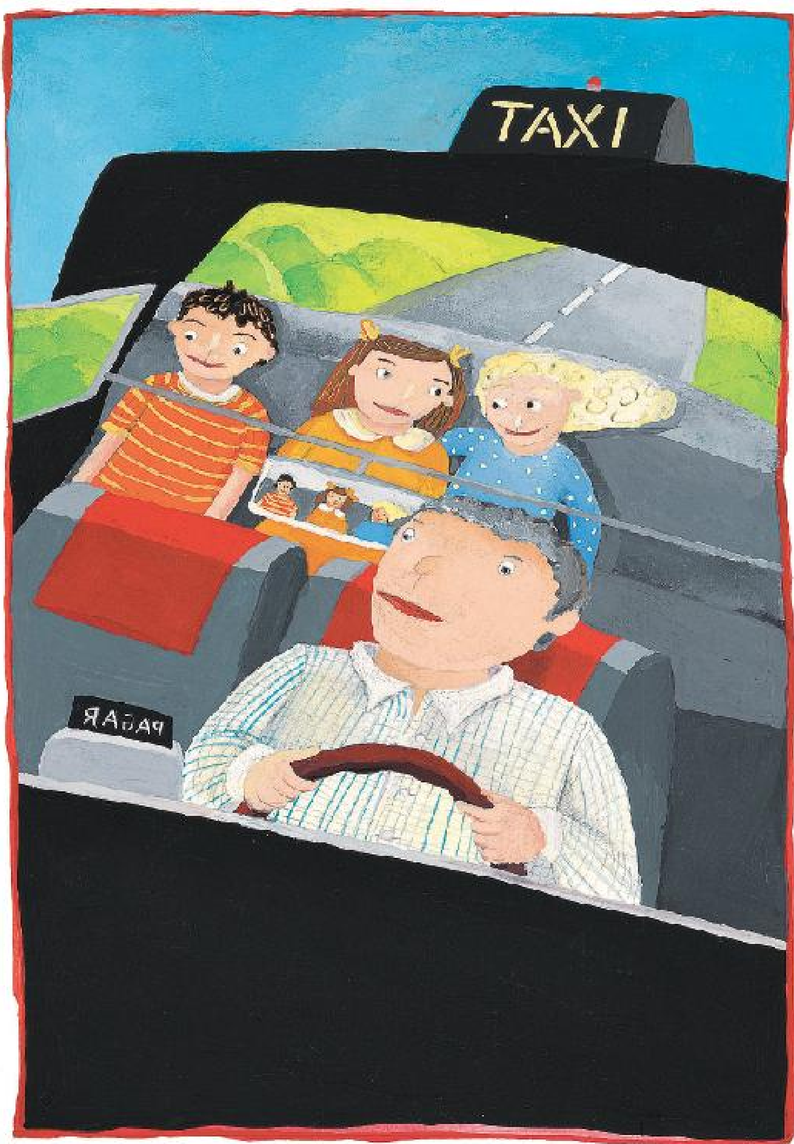
O menino sabia o nome do clube e tinha no bolso as economias das semanadas que a mãe lhe dera e que andava a poupar para esta aventura.

Apanharam um táxi.

O clube não era nada perto. Ficava fora da cidade. Os três amigos entraram para o banco de trás do táxi e concentraram-se no taxímetro, aquela máquina com números que contava o dinheiro que haveriam de pagar no fim da viagem. Foram o tempo todo de olhos esbugalhados e boca seca, a verem os números a correr muito depressa. E o motorista a espreitá-los pelo canto do olho, já a prever sarilhos.

— São três mil escudos — anunciou à chegada.

Martinho estendeu-lhe duas nota de mil e algumas moedas.


TAXI
PAGAR

— Isso não chega — irritou-se o taxista. — Não me digas que não tens mais dinheiro.

— Não — confessou, a medo.

— Bonito serviço. E agora quem é que me vai pagar a viagem?

— O pai dele — exclamou Amarguinha, com a solução na ponta da língua. — Vai Martinho, vai chamar o teu pai!

— Vai — disse também Branca —, que nós esperamos aqui.

— Posso?

— Vai lá, miúdo — concordou o taxista —, mas despacha-te.

Era um clube muito chique, onde não deixavam entrar crianças sem estarem acompanhadas, de modo que Martinho teve problemas logo à porta.

— Onde é que o menino julga que vai? — indignou-se o porteiro, um homem muito bem vestido, com uma farda vermelha, cheia de fitas douradas e um chapéu preto tão alto que parecia de circo.

— Vou ter com o meu pai.

— E quem é o seu pai?

Martinho disse-lhe quem era o pai, mas o porteiro era homem de poucos amigos e esticou a mão enluvada à frente do seu nariz.

— Não pode passar — disse.

— Mas eu preciso de falar com o meu pai.

— Vai ter de esperar aqui.

— Mas o táxi está ali à espera com as minhas amigas e não temos dinheiro para pagar.

— Paciência. Espera aqui pelo seu paizinho.

E Martinho desesperado, a ver o taxista impaciente a abrir a porta do carro para vir saber o que se passava, todo ele suava de aflição a implorar ao porteiro que o deixasse entrar, mas o homem não se comoveu.

— Então, como é? — perguntou o taxista. — Vais buscar o dinheiro ao teu pai ou ficamos o resto do dia aqui parados?

— Este senhor não me deixa entrar — explicou Martinho.

— Oh, homem — disse o taxista — deixe lá o miúdo entrar ou nunca mais me vou embora.

— Não pode ser — declarou o senhor das luvas brancas, inflexível, debaixo do seu nobre chapéu de circo.

— Mas não pode ser, porquê? — protestou o taxista.

— Porque não — disse o porteiro, como se não tivesse de dar mais explicações.

— Porque não?! Porque não?! — enervou-se o taxista. — Então, entro eu!

— Não entra, não senhor.

— Ai isso é que entro!

— Ai isso é que não entra.

— Ai entro, entro. Ora veja.

Ali ficaram a empurrarem-se porta dentro, porta fora, esquecendo-se de Martinho que aproveitou para se esgueirar no meio da discussão e correr a procurar o pai.

Dizia-se que o golfe era um jogo de comunhão com a natureza e, de facto, chegando ali ao campo, uma pessoa deparava com uma paz única que convidava a pisar a relva com todo o jeitinho, sem fazer barulho, não fosse quebrar o silêncio das árvores e dos pássaros. Martinho encontrou-o ali mesmo no meio do *green* que era como chamavam ao belo tapete verde de relva que se estendia até sabia-se lá onde. Viu-o de costas, mas foi tal a certeza de que terminara a sua busca que lhe saltou um «paaaaaaaiiii» involuntário da garganta. E o grito de Martinho assustou os pássaros que saltaram dos galhos das árvores e do abrigo das folhas e voaram para longe. Um grito assim estridente, vindo do fundo do coração, era tão invulgar naquele campo de silêncios cúmplices que até os grilos se encheram de cautelas e ficaram logo calados com medo de que fosse sinal de perigo.

Martinho correu para o pai, mas estacou de surpresa a três ou quatro metros do homem que se virou espantado com o taco suspenso no ar a meio caminho da bolinha branca que estava na relva; um estranho, que se deteve a meio da jogada para ver quem era aquele miúdo que lhe chamara pai.

— Martinho! — exclamou o homem, surpreendido. — O que é que fazes aqui?

— Ah — fez Martinho, sem disfarçar a desilusão. — Não é o meu pai!

— Claro que não sou o teu pai — disse. Mas agora quem não percebia nada era Martinho, pois o estranho parecia conhecê-lo e até o tratou pelo nome e tudo.

— Julguei que era o meu pai — justificou-se, embaraçado com a situação.

— Não faz mal — disse o homem. — Vens à procura do teu pai, não é?

— É.

— Pois, olha, eu também já não o vejo há muito tempo. Martinho…

— Sim?

— Tu não fazes a mínima ideia de quem eu sou, pois não?

— Não.

— É natural, mas eu lembro-me de ti. Sou um amigo do teu pai.

— Ah…

— Como é que tu vieste aqui parar? — estranhou o amigo do pai de Martinho.

— Vim com as minhas amigas, a Amarguinha e a Branca.

— E como é que vocês vieram?

— De táxi. E… — coçou a cabeça, atrapalhado.

— Sim?

— … eu julgava que tinha dinheiro suficiente para pagar o táxi, mas afinal não tenho — confessou.

Amarguinha sabia que não devia mentir aos pais, nem mesmo por um bom motivo, porque se os bons motivos fossem desculpa para as pessoas não serem verdadeiras umas com as outras, acabava-se a confiança, e não havia nada mais importante numa relação do que a confiança. Era por terem confiança em Amarguinha que os pais a deixavam ir ao jardim sozinha. Mas ela quebrara essa confiança ao dizer-lhes que estaria em casa de Branca, quando na verdade foi de táxi ao clube de golfe.

Os pais ficaram de boca aberta ao verem a filha chegar a casa pela mão do amigo do pai de Martinho, que eles nem sequer conheciam.

Amarguinha explicou tudo muito depressa.

— Fui com o Martinho ao clube de golfe — disse — porque ele precisava da minha ajuda. Depois este senhor, que é amigo do pai do Martinho trouxe-nos a casa.

— Fizeste muito bem em ajudar o teu amigo — disse o pai — mas fizeste muito mal em mentir-nos. Por isso, ficas de castigo, nos próximos tempos não tornas a ir sozinha ao jardim.



A promessa da mãe de Martinho cumpriu-se. Apesar do desastre que foi a ida dele ao clube de golfe, de ter ficado sem dinheiro para pagar o táxi, de ter regressado a casa com o amigo do pai e de ter visto aquela cara que a mãe fazia quando se zangava, apesar disto tudo, Martinho não teve de esperar mais do que duas semanas para que a promessa da mãe se cumprisse. Ela garantira-

lhe que quando o pai quisesse voltar para casa, ele encontrá-los-ia. A mãe dissera isto para sossegar Martinho. Ele receara que o pai nunca mais desse com eles, se mudassem de casa. Mas a verdade é que mudaram de casa e, mesmo assim, ele encontrou-os.



— Pai! — gritou Martinho, excitado ao vê-lo ali à porta. — Como é que nos encontrou?

— Foi simples — explicou —, perguntei o endereço à porteira da casa onde morávamos. A mãe deixou-lhe a morada.

O pai de Martinho teve uma longa conversa com o filho.Contou-lhe tudo. Disse-lhe que estivera muito deprimido.

— O que é isso, pai?

— As pessoas ficam deprimidas quando se sentem muito infelizes e sem coragem para fazer o que quer que seja. Andam tristes, não querem falar com ninguém e só têm vontade de desaparecer.

— E o pai estava assim?

— Estava — confirmou. — Durante muito tempo estive assim. E foi preciso ir a um médico para me recuperar.

— O médico deu-lhe comprimidos?

— Deu. Era um psiquiatra.

— Um psiquiatra… — repetiu Martinho, pensando que nunca ouvira falar em médicos chamados psiquiatras.

— Sim, filho, é um médico que ajuda as pessoas quando elas estão assim confusas.

— Então, foi por isso que o pai se foi embora? Não foi porque não gostava mais de mim?

— Não, meu querido! — exclamou o pai. Ao ouvir aquilo, caiu-lhe a alma

aos pés. Abraçou Martinho com força. — Não há nada neste mundo que faça com que eu deixe de gostar de ti.

O menino disse-lhe que tivera muitas saudades dele.

— Eu não devia ter saído de casa — reconheceu o pai. — Mas às vezes as pessoas crescidas também fazem asneiras.

— Não faz mal — disse Martinho. — Agora já podes voltar.

— Não sei, filho, não sei…

— Porquê?!

— Porque, se calhar, a mãe já não quer que eu volte.

— Então — disse Martinho com toda a simplicidade —, vamos perguntar-lhe.

E a isto o pai não soube dizer que não. Disse à mãe que já tinha pedido desculpa a Martinho por tê-los deixado numa altura tão má para toda a família.

— Fui egoísta — confessou. — Há bocado, quando o Martinho me abriu a porta eu ia morrendo de vergonha. Ali estava o meu filho de oito anos, que eu tinha abandonado, a pedir-me que regressasse. E eu nem sequer lhe telefonei durante este tempo todo. Estava a passar um mau bocado, sabes? Agora já voltei a trabalhar e estou muito melhor.

— Ah, estavas a passar um mau bocado! — disse ela, ainda muito magoada com tudo o que acontecera. — E eu e o teu filho, não estávamos também a passar um mau bocado?

— Estavam. Tens razão, e todos os dias da minha vida serão poucos para vos compensar pelo que fiz. Como te disse, já pedi desculpa ao Martinho, e tu, será que consegues desculpar-me?

— Estás a pedir-me desculpa porque o Martinho te pediu para ficares ou porque queres mesmo voltar para casa?

— Estou a pedir-te desculpa porque quero que voltemos a ser uma família. Sim, quero mesmo voltar para casa.

— Foi muito bom o Martinho ter encontrado o pai, não foi? — comentou Amarguinha ao telefone.

— Foi — respondeu Branca do outro lado da linha.

— Ai, Aiii… — suspirou a amiga — adoro histórias que acabam bem, e tu?

Fez-se um estranho silêncio ao telefone.

— Está?!

— Sim — disse Branca — estou.

— Estava a dizer que… — Amarguinha não chegou a acabar a frase, calou-se subitamente, alertada por um alarme invisível que soou na sua cabeça.





Seguiu-se uma longa pausa.

— Desculpa, Branca — disse finalmente — não me lembrei que…

— Não faz mal — interrompeu-a a amiga. — Não te preocupes.

— Anima-te! Vais ver que um dia também vais encontrar os teus pais.

Nova pausa.

— Não acredito, Amarguinha. Mas olha, eu gosto muito da minha tia e ela é como se fosse minha mãe.

— Mesmo quando te põe de castigo? — brincou.

— Mesmo quando me põe de castigo — riu-se Branca. — Quando é que a tua mãe te vai deixar ir ao jardim outra vez?

— Não sei, talvez amanhã ou depois. E a tua tia?

— A minha tia, se descobre que estou este tempo todo ao telefone, ainda me põe outra vez de castigo.

— Não pode — gozou Amarguinha. — Já estás.

— Pois é — riu-se. — E a tua mãe, não se importa que estejas ao telefone?

— Oh — disse Amarguinha, encolhendo os ombros —, ela não sabe.

E ouviu-se ao longe uma voz abafada pela distância, «Amarguinhaaaa! Desliga o telefone imediatamente!»